

A correspondência de Proust editada e comentada por Kolb: do vestígio à vertigem

Luciana Persice Nogueira¹

O INTERESSE PELA EDIÇÃO DA *CORRESPONDANCE DE MARCEL PROUST*, editada entre 1970 e 1993 pela editora Plon e organizada pelo pesquisador norte-americano Philip Kolb (1907-1992), surgiu como consequência inevitável do estudo da obra literária de Marcel Proust (1871-1922). É fácil constatar que boa parte da fortuna crítica proustiana utiliza, de maneira corriqueira e pródiga, os 21 volumes fartamente documentados e comentados pelo organizador. Essa coleção contém abundante gama de correspondências escritas e recebidas por Proust, entre 1880 e 1922. Entre a primeira carta editada no primeiro volume, escrita por Proust aos nove anos de idade em agradecimento a uma prima pelo envio de livros, e o seu último bilhete, com data estimada a poucos dias antes de sua morte, à “guardiã” Celeste Albaret, pedindo-lhe que providencie “leite sem odor”, todo um mundo de temas e de interlocutores se descortina diante dos olhos do leitor, na sequência de mais de cinco mil peças (entre cartas, bilhetes, telegramas, cartões postais, folhas de rosto de livros avulsas, reproduções de margens de manuscritos e de obras impressas, autógrafos e dedicatórias), ao longo de mais de 10.100 páginas.

O conjunto da correspondência pode ser lido como uma narrativa fragmentária, para quem se interessa pelas edições de volumes epistolares *tout court*, mas é, sobretudo, uma obra de consulta: há matéria e objeto para todo tipo de pesquisa concernente a Proust e sua época, e o uso da correspondência como contraponto ao estudo da obra ficcional – em que a correspondência é concebida e tratada como laboratório da obra em andamento – alimenta e coopera com a progressão dos estudos de crítica genética – que tem na obra (ficcional, ensaística e epistolar) proustiana, em sua complexa coleção de rascunhos e cadernos manuscritos, um poderoso alicerce.

Enquanto pesquisadora que consulta e usa a obra recorrentemente, interessou-me conhecer a história da própria obra e pareceu-me importante descobrir os mecanismos de seu próprio laboratório metodológico – pois sua elaboração, ao que descobri, deve suas premissas e orientação a outro proustiano em solo americano, o francês Robert Vigneron, sobre o qual pouco se sabe (como se verá), mas que inaugura uma sistemática de pesquisa que será desenvolvida, com rigor, obstinação e entusiasmo, por Kolb.

Na restrita bibliografia sobre o assunto, além de alguns comentários de Antoine Compagnon (outro proustiano) e do crítico David Backus (discípulo de Vigneron, autor do único texto sobre o pesquisador), destaca-se o também proustiano Luc Fraisse, que lançou, numa publicação universitária de pequena circulação (e que nunca vi citada), uma entrevista comentada feita com Kolb: trata-se de *La Correspondance de Proust. Son statut dans l'œuvre, l'histoire de son édition* (1998). Essa entrevista aconteceu poucos meses depois de entregue o copião do último volume à gráfica, e poucos meses antes da morte do autor. Diferentemente de Proust, Kolb conseguiu realizar suas revisões finais e dar sua obra por encerrada. Em seu depoimento, o autor fez uma retrospectiva do processo ininterrupto, de dedicação exclusiva, que ocupou, ao todo, sessenta anos de sua vida, num testemunho oral de valor historicizante.

O leitor de hoje sabe, porém, que o fluxo de novos aportes de correspondências continuou a ser organizado pelo centro de pesquisa criado por Kolb na Universidade de Illinois (Michigan).

¹ Luciana Persice Nogueira é Professora Adjunta da UERJ e possui Pós-Doutorado na área de estudos proustianos. Contato: luciana.persice@yahoo.com.br.

A fim de organizar esse material acrescido, está sendo elaborada uma edição digital, aumentada e atualizada, com novos anexos (essa futura edição resulta da ação conjunta de um consórcio entre o ITEM, a Universidade de Grenoble e a Universidade de Illinois, sob a responsabilidade de Françoise Leriche – antiga assistente de Kolb).

Proponho-me a fazer, primeiramente, uma descrição geral da obra, apoiada parcialmente no livro de Fraisse (mas não só) pois muitas informações relevantes sobre a obra são testemunhais, e encontram-se registradas na dita entrevista. Em seguida, cabem algumas observações resultantes de minha experiência pessoal como pesquisadora, em que acredito poder tomar de empréstimo a denominação criada por Fraisse (para uma categoria específica de cartas, dentro de uma tipologia que ele estabelece e desenvolve em seu livro, mas que não importa aqui) de *lettres madeleines* e ampliá-la, adotando-a como representativa do caráter amplo de cartas-vestígio (do “laboratório da obra em construção” de que tanto se fala) imbuído na correspondência proustiana em geral.

Porém, o trabalho de Kolb, ao acrescentar ao conjunto das cartas uma formidável marginalia de rodapés, além de revelar aspectos e detalhes concernentes às peças transcritas, permite uma melhor compreensão da própria dinâmica de circulação de ideias entre Proust e seus correspondentes, e uma maior apreensão de sua repercussão junto ao meio artístico e intelectual da época (pois as notas citam artigos, discursos, eventos etc. que lhes são correlatos, contemporâneos ou não); as notas também remetem a outras notas, reforçando a importância do aspecto crítico do comentarista. Kolb faz, assim, das cartas comentadas, como que *lettres lanternes magiques*, que projetam, ao redor de Proust, uma superposição vertiginosa de correspondências (no sentido de associações e de formação de uma malha informativa) entre indivíduos, imagens, fatos e missivas, num surpreendente e original enredamento de dados e conhecimentos que se tecem entre Proust, seus correspondentes e, anacronicamente, o crítico Kolb; *lettres lanternes magiques* que impactam o leitor, que se vê diante da carta comentada como que face a um texto tridimensional, vertiginoso, acrescido, “proustianamente”, da dimensão temporal – pois Kolb, ao comentar e remeter a outros comentários, acrescenta uma temporalidade e, até, uma memória do texto ou da própria leitura do texto. O leitor, assim, lê, varia e vagueia entre texto e comentário, podendo traçar um verdadeiro itinerário de leitura alternativo, entre notas que remetem a outras notas (inclusive de tomos diferentes) – abrindo novas perspectivas de (re)leitura das cartas; cartas-vertigem, portanto.

Ressalto, com relação à imagem da lanterna mágica, tão marcadamente proustiana, que esse instrumento óptico, segundo o crítico de arte Jonathan Crary, estudioso da construção histórica da visão e da revolução do olhar moderno, serve aos escritores como meio de registrar em seus textos (novos e modernos) conceitos e considerações acerca das (também novas e modernas) maneiras de ver e compreender seja o mundo ou a própria literatura². Assim, o uso ou a instrumentalização da imagem da lanterna mágica revela o potencial crítico do texto em que está inserido, por implicar ou propiciar novos prismas e perspectivas – e é esse o caso de seu uso por Proust. Aqui, nesse esteio, pretendo dar valor e relevo ao trabalho crítico e geneticista realizado por Kolb, no pé de página, em contraponto e em instigante relação dialógica (extemporânea) com a coleção da correspondência de Proust.

Descrição geral dos tomos da Correspondance:

Estes são as características básicas de cada um dos tomos:

² CRARY, J. *Técnicas do observador*. Visão e modernidade no século XIX. Organização de Tadeu Capistrano. Trad. Verrah Chamma. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

- cada volume corresponde a um ano de troca epistolar (com exceção dos três primeiros, que agrupam mais de um ano, por haver menor volume de correspondência);

- os livros têm capa dura, coberta com uma jaqueta ilustrada com uma fotografia de Proust, tirada no período em questão;

- todo início de tomo contém um preâmbulo escrito por Kolb, de cunho essencialmente biográfico, em que o crítico comenta algumas cartas selecionadas, fazendo umnexo entre a correspondência e os principais eventos da vida de Proust; o conjunto desses preâmbulos já constituiria, por si só, uma biografia original, pautada pela produção epistolar do autor;

As partes que se seguem obedecem a uma ordenação sequencial constante, que rege o conjunto dos volumes:

- lista de abreviações das obras onde as cartas foram originalmente reproduzidas e publicadas;

- cronologia detalhada da biografia de Proust relativa ao período em questão;

- o conjunto das cartas, em ordem cronológica, sendo que as cartas recebidas por Proust (em menor número do que as enviadas por ele) constam em itálico; cada carta recebe um número, segundo sua inserção na sequência cronológica; as cartas de datação apenas aproximada vêm ao final do período cogitado (e, assim, são inseridas ao final do mês em questão, ou, em caso de maior imprecisão, do volume); toda dúvida quanto à data ou ao destinatário consta na primeira nota feita por Kolb, assim como qualquer comentário sobre as características materiais da missiva; o número de notas varia de carta a carta, mas todas possuem essa descrição física inicial;

- índice onomástico dos correspondentes e das pessoas ou personagens (de *À la Recherche du Temps Perdu*) mencionados nas cartas do volume;

- tabela de ilustrações – exemplos de caligrafia de Proust e de seus correspondentes, além de alguns raros desenhos de Proust;

- tabela das cartas contendo o nome do destinatário, a data da carta e a página no volume.

O último volume – o maior de todos – contém, adicionalmente, uma “tabela recapitulativa das cartas publicadas em apêndice nos tomos precedentes” (1892-1920). Esta última tabela se explica pelo fato de que, ao longo dos 23 anos em que os volumes foram sendo paulatinamente editados, novas descobertas de material foram feitas e incorporadas. As cartas encontradas depois da edição do volume ao qual corresponderiam normalmente são publicadas em volumes posteriores, em forma de apêndices (que ocorrem já a partir do segundo tomo).

Esta tabela é apresentada em ordem cronológica, dividida por ano, com indicação do tomo, da página e do número da carta, respectivamente. Sua simples observação permite constatar que, além de alguns exemplares individuais, há lotes (maiores ou menores) de cartas apresentadas sequencialmente, relativas a um mesmo correspondente. Trata-se de coleções inteiras adquiridas ou reproduzidas por Kolb em sua incessante busca da correspondência dispersa, provenientes dos mais diversos fundos particulares ou públicos, cedidos ou comercializados. Por exemplo: 5 cartas de Proust para o amigo e escritor Daniel Halevy (1893, volume IV), e 21 cartas de Mme Lemarié (da editora NRF-Gallimard) para Proust (1917-1918, volume XIX), que surgem excepcionalmente agrupadas, nessa obra que tem na ordenação cronológica estrita um de seus maiores atrativos (questão que será tratada mais adiante), constituindo pequenas coleções (ou seja, relativas a um mesmo correspondente) em forma de apêndice.

Ao final do último volume, há um índice onomástico adicional, referente ao conjunto dos 21 volumes, além de uma lista de 4 páginas, com 59 títulos de livros que tratam da correspondência de Proust, seja citando-a parcialmente ou reproduzindo-a em séries inteiras.

O mestre Vigneron

A edição da obra colossal de Kolb, seus objetos e método de investigação, tem origem no trabalho, do qual quase não há mais rastro, de Robert Vigneron (1897-1975).

Em 1935, quando estudante de literatura francesa, Kolb ouviu desse professor da Universidade de Chicago, a seguinte frase: “o que eu fiz por Stendhal, alguém deveria fazer por Marcel Proust”³, referindo-se ao estudo dos manuscritos do autor. Kolb lhe pergunta se a análise da correspondência de Proust poderia ser objeto de uma tese doutoral. Diante da confirmação do professor, Kolb vai prosseguir seus estudos na Universidade de Harvard, e, em 1938, defende a tese que se tornaria um livro em 1949: *Correspondance générale de Proust chronologie et commentaire critique*⁴ (a II Guerra Mundial atrapalha o trabalho de Kolb assim como a Grande Guerra, a publicação do de Proust, de onde a demora de 11 anos da publicação).

Diante do parco volume de informações (disponíveis essencialmente em *sites* de universidades norte-americanas), pareceu-me importante dimensionar o valor do aporte deste, que foi um mestre para Kolb. Convidado em 1923 a trabalhar como professor visitante da Universidade de Chicago, dentro de um esforço mais amplo (juntamente com a Universidade de Columbia, por exemplo) de se levarem grandes nomes do meio universitário francês para os Estados Unidos (com o intuito de aproximar “instituições educacionais da França e dos Estados Unidos e aumentar o contato intelectual entre seus povos”⁵), lá se instalou definitivamente. Fora um livro com artigos sobre Stendhal e Proust (publicados de maneira dispersa em vida), reunidos e organizados por alunos seus em 1978, nada de suas pesquisas mais recentes sobre Proust sobreviveu ao seu desejo final: pediu, como Proust, que seus manuscritos e esboços fossem destruídos; diferentemente de Proust, teve seu pedido atendido.

Como sua carreira se desenvolve no exterior (1923-1954), há poucas menções ao professor e pesquisador Vigneron entre os críticos franceses. Ele é, porém, muito importante nos EUA. É a Vigneron que se atribui a introdução da *explication de texte* no meio acadêmico norte-americano. Seu ingresso definitivo na Universidade de Chicago levaria à futura formação da Chicago School of Criticism – Escola de Crítica de Chicago (ou Neo-Aristotélica, que reage contra o New Criticism). Vigneron também fará importantes avanços nas pesquisas stendhalianas: em suas incursões à Biblioteca Municipal de Grenoble, estuda exaustivamente o fundo de manuscritos e cartas do escritor, e seus artigos publicados “estabelecem os fundamentos de uma [nova] cronologia stendhaliana”⁶ (que será utilizada pela Pléiade em sua edição definitiva da obra de Stendhal). Para tal, desenvolve um método e uma metodologia rigorosos obedecendo a um uso preciso e minucioso da cronologia (e só estabelecida mediante comprovação) e sua apresentação segundo um código tipográfico específico (usos de itálico e colchetes, entre outros), que vai utilizar também na análise da correspondência de Proust (que, juntamente com textos inéditos, começa a ser publicada e organizada em fundos públicos já a partir da década de 1920). E é esse método escrupuloso de datação instaurado por Vigneron que vai influenciar Kolb em sua empreitada, e dar-lhe credibilidade e prestígio, pois, como se sabe, essa é uma questão crucial no exame dos

³ FRAISSE, L. *La Correspondance de Proust. Son statut dans l'œuvre, l'histoire de son édition. Annales Littéraires de l'Université de Franche-Comté*, n° 649, Besançon: Universidade de Franche-Comté, 1998, p.136.

⁴ KOLB, P. *Correspondance générale de Proust chronologie et commentaire critique*. University of Illinois Press, Urbana, 1949.

⁵ COMPAGNON, A. 1923. Columbia Attracts Scholars of World. *The Romantic Review*, vol.101, n°1-2, 2010, s/p, Disponível em: <https://www.questia.com/library/journal/1G1-272806582/1923-columbia-attracts-scholars-of-world>. Acesso em 19 Nov 2018. Traduções livres são minhas.

⁶ BACKUS, D. Robert Vigneron. 1897-1975. *Bulletin d'Informations Proustiennes*, n°14, p.73-77, 1983, p.73.

manuscritos de Proust: nem sempre datada, o estudo de sua correspondência exige um elaborado e complexo, até científico, processo de dedução.

Vigneron publica “Genèse de Swann” em 1937, já preocupado com a datação das cartas fundamentada em evidências internas (fatos e elementos citados no texto da missiva) – perfeito arauto da futura crítica genética. E, em “Fondements d’une chronologie proustienne”⁷ (1936), explica que, a partir de seu trabalho criterioso com a correspondência de Stendhal, “há muito tempo, e pela primeira vez, [ele] aplica [tal procedimento] à correspondência de Proust”⁸. Na mesma época, e seguindo essa mesma prática dedutiva, Kolb dá início à sua tese.

Esclarecimentos e revelações da entrevista com Kolb

A entrevista de Fraisse foi feita em meados de 1992, poucos meses antes da morte de Kolb, num momento em que a edição da obra estava praticamente encerrada, faltando apenas a publicação do último tomo, já revisto pelo autor. Fraisse publica, então, trechos da entrevista, e comenta as respostas, complementando-as com informações adicionais. Não cabe aqui qualquer tentativa de resumo, mas vale destacar algumas informações fornecidas pelo autor sobre sua pesquisa e sua obra, e que são de interesse para o estudioso proustiano.

Por exemplo, ele explica que, para fazer sua tese, passa a fazer viagens regulares à França para consultas em arquivos e entrevistas com contemporâneos, familiares e amigos de Proust (muitos ainda eram vivos à época), a fim de comentar, com testemunhos fidedignos, as cartas já publicadas, e coletar nova documentação. Essa empreitada acadêmica vai contar com o apoio decisivo de um de seus ilustres entrevistados: a sobrinha-bisneta de Proust, Patricia Mante-Proust. É por sua iniciativa que Kolb, anos mais tarde, já como professor da Universidade de Illinois, poderá desenvolver o projeto de expandir a coleção de documentos até então reunida. Entusiasmada com o resultado de um trabalho acadêmico sobre a correspondência de Proust (diferentemente de tantas coletâneas particulares publicadas pelos próprios correspondentes, que dão contornos parciais ou mesmo duvidosos ao teor da correspondência)⁹ ela entra em contato com a editora Plon, e um contrato é assinado em 1951. O primeiro volume só será publicado 19 anos depois, mas a sequência decorrente, relativamente mais rápida, será impulsionada pela formação, nesse ínterim, de um espetacular centro de documentação.

Para o desenrolar da progressão das publicações, a Universidade de Illinois conta com a coleção de cartas originais ou suas reproduções (enviadas, copiadas e guardadas pelo próprio Proust ou seu secretário, ou em fase de rascunho), um imenso acervo de jornais da época (precisamente 29 coleções de diferentes jornais) e um total de 8 milhões de livros, incluindo catálogos de *marchands*, livreiros e leiloeiros, além de vários instrumentos de pesquisa constantemente atualizados: fichários onomásticos de pessoas e de lugares ligados a Proust;

⁷ VIGNERON, R. *Fondements d’une chronologie proustienne*. Disponível em:

<https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/388234?journalCode=mp>. Acesso em 18 Nov 2018.

⁸ *Apud* BACKUS, D. Robert Vigneron, *Op.Cit*, p.74. Backus conta que Pierre Clarac considera Vigneron como “o incomparável especialista em cronologia proustiana”, e que, já aposentado (mas continuando suas pesquisas), “destrinchara em grande parte as datilografias de *Swann*, corrigido os erros do catálogo da exposição da Biblioteca Nacional (1965), identificado dois tipos de letra tipográfica, duas máquinas de escrever e três datilógrafos, e as múltiplas cópias carbono violeta ou azul” (ibidem, p.75), assim como estabelecido as respectivas partes de responsabilidade quanto aos erros de transcrição à “pobre Miss Hayward” e ao secretário de Proust.

⁹ Fraisse comenta, entre outros casos, as manipulações de data e de conteúdo feitas por Antoine Bibesco e Anna de Noailles em suas respectivas publicações, entre outros exemplos, no sentido de auferirem prestígio (para o irmão, no primeiro caso) ou evitarem lembranças comprometedoras (no segundo).

fichários de temas abordados na correspondência; cronologia da biografia da família de Proust (de 1633 a 1922); repertório de todas as produções e manifestações de Robert de Montesquiou e de Reynaldo Hahn (correspondentes privilegiados de Proust); repertório de todas as edições dos escritos de Proust entre 1891 e 1991; repertório de todos os artigos publicados sobre Proust, de 1893 a 1923; além de fichários com os fichamentos das cartas.¹⁰ Adicionalmente, e, de maneira representativa do conjunto de esforços empreendidos por Kolb no sentido de construir instrumentos de pesquisa fiáveis, tem-se que o acervo documental da universidade possui uma farta coleção de boletins meteorológicos cobrindo o período em questão, auxiliar inusitada no procedimento de datação: dentre os elementos empregados para a determinação da data das peças, além da correlação com fatos biográficos e eventos sociais ou históricos mencionados nas missivas, há as prolíficas referências às condições meteorológicas feitas por Proust.

Outro ponto interessante a ser destacado na entrevista refere-se aos *marchands*, livreiros e leiloeiros: em suas múltiplas viagens, Kolb deve, entre outras tarefas, tentar adquirir cartas que são colocadas à venda, por todo o mundo. Para tal, cria uma rede de contatos entre esses agentes do comércio, para obter informações e peças documentais. Às vezes, na impossibilidade de realizar uma compra, Kolb registra em sua coletânea apenas o fragmento de texto que fora disponibilizado ao público (caso recorrente nos leilões, por exemplo, o que explica alguns textos muito curtos, fragmentários, antecédidos e seguidos de linhas pontilhadas). Essa rede de contatos lhe rende, além de aquisições, histórias interessantes, e que também ilustram a própria história da formação da coleção. Apenas a título de exemplo, Kolb lembra uma conversa com um *marchand* (com quem comprou várias cartas), que lhe conta um episódio ocorrido em 1935, quando um cliente lhe propõe a venda de um livro autografado por Montesquiou para Proust; essa compra gera uma conversa sobre “outros documentos do mesmo tipo”, que leva à ida imediata do *marchand* à residência da cunhada de Proust, que estava, literalmente, jogando ao fogo da lareira pacotes de documentos. A chegada do *marchand* impediu que mais documentos fossem incinerados, mediante a proposta de compra.

Kolb calcula ter conseguido obter 10 por cento do total das cartas escritas por Proust. Parte da correspondência foi destruída (como se constata no episódio narrado pelo *marchand*), parte permanece inacessível em coleções particulares, ou se encontra em fundos que ainda não se tornaram de domínio público. Uma razão adicional para essas perdas remete ao costume de Proust de enviar as cartas mais confidenciais por meio de portador. Nestes casos, o escritor pedia que as missivas fossem lidas e destruídas imediatamente.

Dentro do eventual temor de que assuntos de ordem mais pessoal fossem tornados públicos, Proust escreve, em algumas ocasiões, sobre sua aversão à edição de cartas. Fraisse faz um arrazoado dessas declarações, justificando-as. Não acredito, porém, que as cartas devam ser lidas como “fontes de verdade inquestionáveis” em seu conteúdo. O discurso de recriminação à publicação de cartas do Proust que as escreve é flagrantemente negado pela prática do Proust que lê, comenta e elogia publicações de cartas de grandes autores (como as de Flaubert, entre outros exemplos). O próprio fato de que, a partir do Prêmio Goncourt (1919), Proust começa a fazer duplicatas de cartas trocadas com grandes celebridades¹¹, mostra que sua condenação da publicação de correspondências pessoais deve ser relativizada (se não, simplesmente, descartada).

¹⁰ Op. Cit., p.171.

¹¹ Op. Cit., p.39.

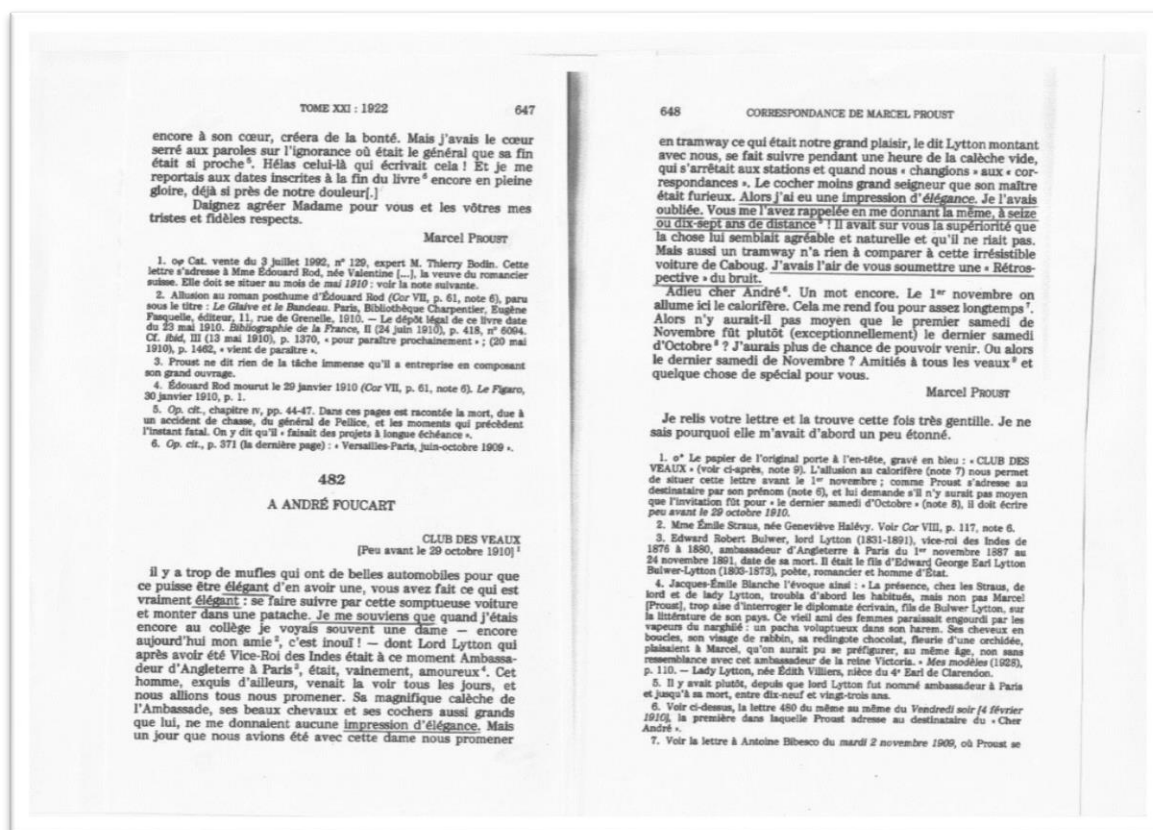
De uma lettre madeleine a outra

O pesquisador familiarizado com a *Correspondance de Marcel Proust* conhece as características gerais das peças editadas. Algumas, comentadas por Fraisse, merecem destaque:

- o uso dos parênteses feito por Proust¹²: ao invés de cortar ou rasurar uma palavra inadequada, Proust prefere relativizá-la ou explicá-la melhor por meio de parênteses, ou seja, explicando, no interior do texto, o próprio texto, cabendo aos parênteses esclarecimentos por vezes mais elaborados, completos e complexos do que a própria frase principal (em que estão inseridos);

- o uso dos pós-escritos: o mesmo procedimento empregado quanto aos parênteses é extensivo ao uso dos PS. Em alguns casos, são mais longos do que a carta em si, e constituem, numa leitura retrospectiva, o ponto principal tratado na missiva. Em outros casos, além de haver uma sucessão de PS, por vezes, eles fazem referências à própria série de PS – sendo que o assunto da carta passa a segundo plano;

- dentro de uma pequena tipologia que Fraisse estipula para o conjunto das cartas, ele descreve, sem lhe dar maior destaque, o que denomina de “*lettres madeleines*”¹³, uma pequena série de cartas em que Proust evoca reminiscências – tema privilegiado de sua ficção. Um exemplo assinalado por Fraisse é a carta de Proust ao amigo André Foucart, em que lhe elogia a elegância por meio da evocação de uma lembrança de juventude¹⁴, reproduzida abaixo:



¹² Op. Cit., p.70.

¹³ Op. Cit., p.94.

¹⁴ PROUST, M. *Correspondance de Marcel Proust*, XXI. Paris: Plon, 1993, p. 647-648. (Fins de outubro de 1910)

A ideia de “impressão de elegância” que se repete (em trechos sublinhados por mim) e a evocação da reminiscência vão de par com o trabalho ficcional em andamento – os esboços iniciais da *Recherche*. Fraisse considera esta carta como uma *lettre madeleine* na medida em que a temática de base do trabalho ficcional surge nas entrelinhas da obra epistolar, e atenta para a nota n° 5, em que Kolb dá precisões quanto à datação dos fatos evocados, chegando a corrigir a estimativa de Proust para a sua anterioridade.

É possível usar esta carta para exemplificação de parte do que já foi dito até agora sobre o trabalho de anotação de Kolb: a data da carta é estimada, e, por isso, encontra-se entre colchetes, que remetem aos respectivos comentários à nota n° 1; nesta nota, Kolb descreve o suporte material e alguns indícios iniciais para a datação da carta, servindo-se de dados e fatos objetivos (inclusive a menção ao “calorífero”, ligado a questões climáticas e meteorológicas – um dos principais indicadores cronológicos usados por Kolb); as demais notas explicam o que ficou implícito no tocante ao conteúdo (a identidade da dama não nomeada e explicações biográficas sobre seu admirador); Kolb busca, num livro de 1928, confirmação do fato narrado por Proust (nota n° 4); a nota n° 5, então, serve para dar mais precisão à datação – o que ilustra o caráter rigoroso, para não dizer obsessivo, do método de datação.

Esta carta é *madeleine*, de acordo com Fraisse, por suscitar a temática da lembrança e da reminiscência, assim como seu uso comparativo na associação de fatos e ideias (o mesmo ocorrendo na obra ficcional, repito).

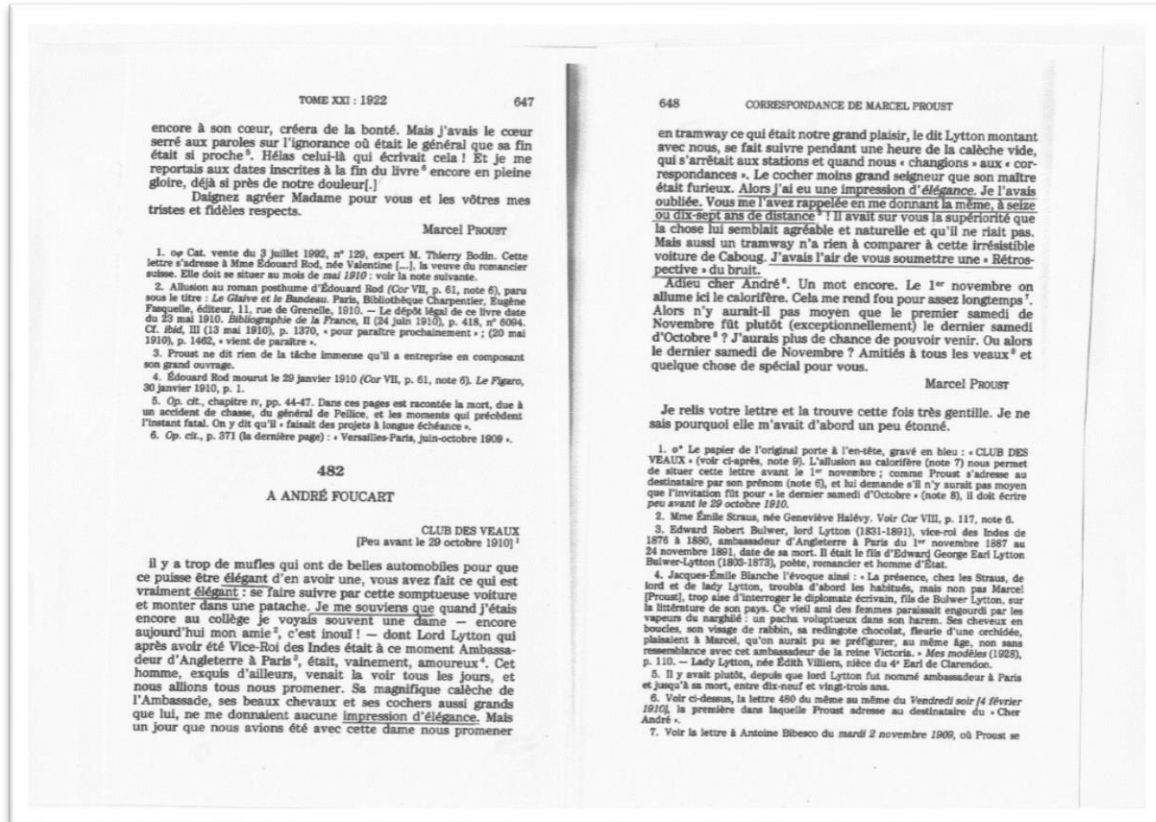
Porém, ela também é uma *lettre madeleine* porque estabelece um nexos, pelo próprio processo de reminiscência, enquanto vestígio, do trabalho ficcional: o episódio da *madeleine* faz uma ponte entre momento presente e momento passado, transformando a reminiscência-vestígio em passarela entre tempos e espaços, calcada em impressões (esta é uma simplificação de um processo complexo, que atende apenas às necessidades deste artigo). Carta-vestígio, ou seja, traço, rastro ou impressão (no sentido de marca) do romance em elaboração.

E as cartas de Proust comentadas por Kolb tornam-se cartas-vestígio em ainda um terceiro aspecto: as notas elaboradas ao pé-de-página acabam criando uma rede de referências internas que evoca, no universo do rodapé, evocações e invocações entre notas de outras cartas. A carta acima serve de exemplo a essa característica, na medida em que a nota n° 1 remete às notas 7 e 8 (a esta mesma carta), a nota n° 2 remete a uma nota de outra carta, de outro tomo da *Correspondance*, e a nota n° 6 remete a carta anterior, no mesmo tomo – numa intrincada malha de referências internas à obra. Ainda tomando esta carta a André Foucart como exemplo, pode-se constatar que há um total de 9 notas, apresentadas aqui apenas parcialmente, mas cujo conjunto é maior do que a carta em si. As notas de Kolb, assim, como que rivalizam com as cartas de Proust, no zelo (positivo e bem vindo) de seu comentário.

Lettres madeleines e lettres lanternes magiques

Muitos são os trabalhos da crítica proustiana que usam a correspondência para evidenciar questões tratadas na obra ficcional. Outra carta (entre inúmeros exemplos) presta-se melhor à exemplificação desse tipo de abordagem da correspondência proustiana. Trata-se de carta de Proust à amiga Marie Nordlinger:¹⁵

¹⁵ PROUST, M. *Correspondance de Marcel Proust*, IV. Paris: Plon, 1978, p.111-112.



Aqui, Proust faz dois agradecimentos à amiga, que também é co-tradutora dos títulos de John Ruskin traduzidos por Proust (*La Bible d'Amiens*, 1904, e *Sésame et les lys*, 1906): o segundo (a partir da quinta linha), pela “bela tradução” que ele vai “rever de perto” e “modificar timidamente”; no PS, feito em dia posterior, já “que a carta ficou esquecida” e não enviada, Proust aproveita para dizer que a modificação na tradução foi total (“mudei tudo”), mas que ele pode retomar os seus termos se ela quiser. Em meu primeiro contato com a correspondência proustiana, esta foi a parte que me interessou (as indicações no texto da imagem acima, à mão e em preto, são desta fase), pois estudei as traduções feitas por Proust, e a carta registra elementos da cooperação entre os dois tradutores.

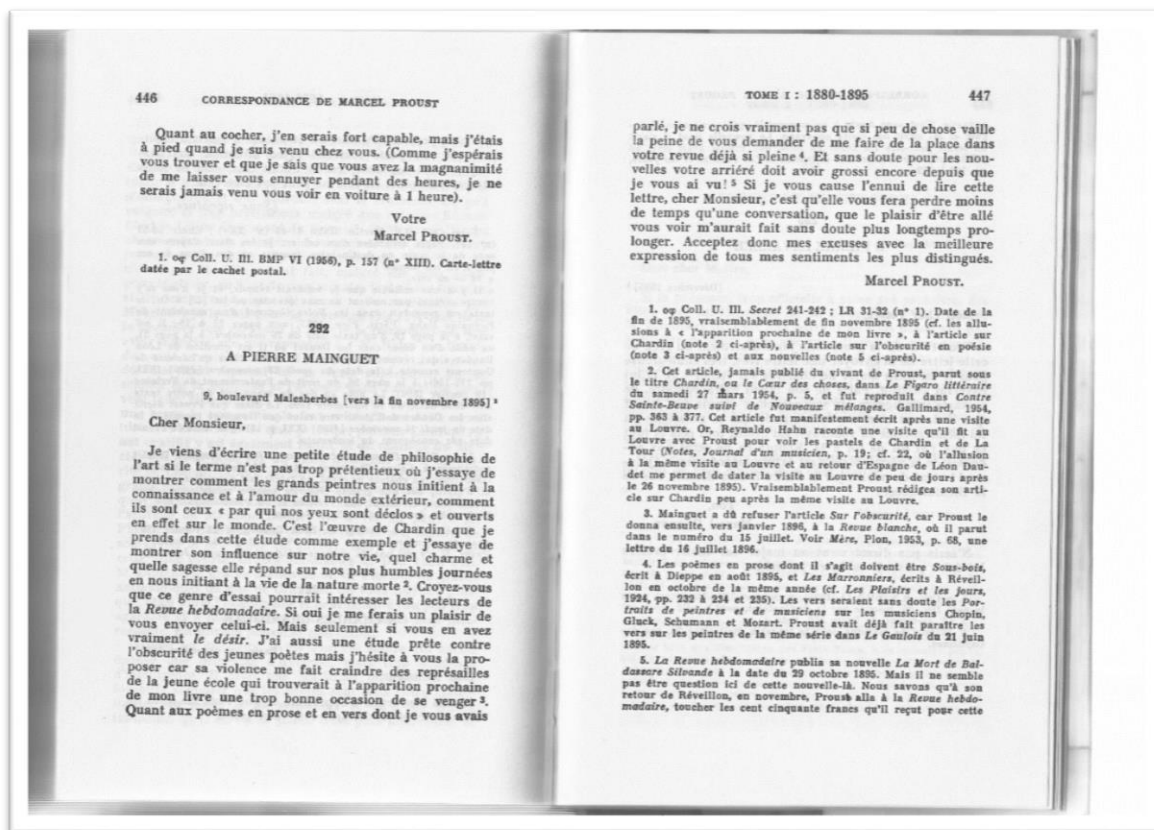
Agora, porém, interessa o primeiro agradecimento (sublinhado em vermelho na cópia escaneada), pelas “flores maravilhosas” que permitiram que seu quarto tivesse uma “primavera de extremo oriente”. Na nota n°2, Kolb explica que se trata do envio de “comprimidos” japoneses (*suichuka*), enfeite de papel que, quando colocado na água, incha e adquire formas diversas. É justamente esse “jogo japonês” que o narrador evoca em “Combray”, primeira parte do primeiro tomo da *Recherche*, no episódio da *madeleine* – cuja citação está reproduzida na maior parte da nota. Descobre-se, ao ler a carta, tal como editada por Kolb, que o episódio da *madeleine* tem origem neste presente da amiga; *lettre madeleine*, por fazer a ponte entre a correspondência e o (futuro) romance.

Kolb é o primeiro a fazer, de maneira sistemática, ao estudar prioritamente as cartas (e não a obra ficcional) essa relação entre trechos da obra epistolar e trechos da obra ficcional – não apenas a *Recherche*.

Descobre-se, também, ao ler a nota n°1, que esta carta provém da coleção particular de Marie Nordlinger, doada à Biblioteca Nacional francesa; esta carta foi editada por ela em sua

própria publicação de correspondências trocadas com Proust). E é nessa passagem da observação da relação entre obra epistolar a obra ficcional, e, para além da mera biografia do autor, que Kolb transforma sua transcrição da correspondência em *lettres lanternes magiques* (outra referência, assim como a *madeleine*, a um momento “clássico”, entre as linhas de “Combray”): mais do que meramente documentar um perfil de vida, Kolb realiza a recuperação de todo um ambiente, todo um mundo, toda uma enciclopédia proustiana, que engloba os fatos da vida, da obra e da publicação da obra de Marcel Proust. Um simples estudo do conjunto das notas nº 1 permitiria uma análise curiosa das peças, suas origens, seus destinatários e destinos. Mas este será um outro trabalho.

Cabe ressaltar, igualmente, que as cartas-vestígio de Proust comentadas por Kolb revelam-se autênticas cartas-lanternas-mágicas por projetarem, ao redor do texto escrito por Proust, a densa e complexa teia de fatos e eventos que lhe dão sentido e alento. Outra carta¹⁶ presta-se melhor à demonstração dessa ideia:



Trata-se de carta ao editor da revista de arte *Revue Hebdomadaire*, Pierre Mainguet, à qual Proust propõe dois artigos para publicação. Embora a última nota não esteja aqui apresentada integralmente, é possível constatar que o volume dos comentários de Kolb é, novamente, superior à dimensão da carta de Proust. É um dos exemplos de carta em que Kolb desenleia a cronologia das produções de Proust, e a própria história dessas produções (apresentação para edição, recusa de edição, eventual edição em outra revista...).

Importante para os estudiosos da obra ensaística de Proust, e das adversidades de sua circulação (fenômeno não raro até o sucesso da publicação do primeiro tomo da *Recherche*, em 1913

¹⁶ PROUST, M. *Correspondance de Marcel Proust*, I. Paris: Plon, 1970, p.446-447.

– e a carta em questão é, “provavelmente”, como dito na nota n°1, de fins de 1895, escrita pelo Proust que ainda precisa pedir reiteradamente para que publiquem seus escritos), a edição da carta em questão revela que a *Revue Hebdomadaire* se recusou a publicar o artigo sobre Chardin, principal motivo ou pretexto da carta (a nota n°2 conta o destino deste artigo), assim como não aceita editar o famoso artigo “Contre l’obscurité”, aqui, ainda intitulado “Sur l’obscurité” (explicação na nota n°3), e como também não publica poemas (ver nota n°4) que anunciam o primeiro livro de Proust (sua coletânea poética *Les Plaisirs et les jours*, também de 1896). A nota n°5 explica, entretanto, que a *Revue Hebdomadaire* publicou, e remunerou, um artigo de Proust um mês antes. E a nota n° 1 faz menção às notas 2, 3 e 5, amarrando-as numa rede inextrincável.

Particularmente instrutiva, esta carta esclarece que o artigo “contra a obscuridade simbolista” (que será publicado na *Revue Blanche* em 1896 – paradoxalmente, revista de orientação simbolista) já estava pronto antes mesmo da publicação da coletânea de poemas – que é fortemente decadentista e simbolista (num estudo que já publiquei, supus que o artigo fosse posterior à edição do livro, e que servisse ao autor como forma de minimizar a associação feita entre seu livro, mal recebido pela crítica, e o simbolismo, que vivia sob forte ataque por parte do meio crítico-literário; a carta, porém, informa quanto à cronologia dos fatos, que é inversa).

Kolb, portanto, além fazer um trabalho de crítica genética ao buscar rastros e vestígios entre as obras epistolar e ficcional, também envereda pelo estudo geneticista ao traçar a trajetória – mesmo que de maneira fragmentária e dispersa, por entre as múltiplas notas às numerosas cartas – das edições e publicações dos diversos textos de Proust, tenham eles sido publicados em vida ou não.

Particularmente instigante, finalmente, do ponto de vista da observação dos comentários de rodapé, a edição desta carta constitui um dos raros momentos em que Philip Kolb diz “je” (na ante-penúltima linha da nota n°2), assumindo a autoria da organização da obra e a responsabilidade da datação: uma alusão feita por Reynado Hahn (num livro autobiográfico) à ida à exposição de Chardin em companhia de Proust e ao “retorno de Léon Daudet da Espanha me permite datar”, escreve Kolb, tanto a carta quanto a redação do artigo sobre Chardin. Esse “je” autoral surge do desejo de deixar claro para o leitor que há um esmero no trabalho da datação, que, neste caso, envolve analisar os dados da carta (a próxima publicação do livro de poemas), e cruzá-los com informações obtidas fora dela, na autobiografia de um amigo (a ida à exposição e o retorno de Léon Daudet de sua viagem), façanha que parece realizar com orgulho e satisfação. Mais que isso, ostenta, com o entusiasmo de uma argumentação: “Ora”, ressalta ele, “Reynado Hahn conta” sobre a visita, etc.. Kolb, assim, ao argumentar e enumerar fatos, e organizá-los numa malha coesa e corente, retraça os meandros de sua pesquisa e descobertas, e ilustra seu esforço enciclopédico, desenvolvido para embasar seu método metucioso e exaustivo de datação.

Para o pesquisador da obra de Proust, as cartas-lanternas-mágicas de Proust/Kolb, com o texto de Proust e as notas comentários de Kolb, revelam aspectos e reflexos do mundo da *Belle Epoque*, extremamente importantes para o desenvolvimento de questões e questionamentos de ordem biográfica, social, histórica, mundana, intelectual e/ou artística. É todo o mundo de Proust que se revela e se projeta ao redor das cartas, a partir das cartas, propulsadas e iluminadas pelas notas.

No conjunto das informações oferecidas ao pesquisador que lê os tomos da *Correspondance* – os diferentes repertórios complementares às cartas (as listas de obras, de nomes, as cronologias, os preâmbulos, as imagens, as fotografias das sobrecapas, além das notas informativas ao pé de cada carta individual), tudo, em sua profusão concatenada, leva a uma vertigem de informações que cabe ao leitor destrinchar e selecionar. Cartas-vertigem, portanto, que permitem a infinidade das leituras. Acrescente-se a isso o fato de que a ordenação cronológica permite ao pesquisador formar suas próprias séries, estabelecer seus próprios conjuntos de textos de interesse.

Concluindo

Pode-se ressaltar que, por meio de suas notas, Kolb alinhava, na edição da *Correspondance de Marcel Proust*, a cada uma das cartas, uma espessa malha de referências, numa empreitada marcadamente proustiana, pois mimética ao trabalho de comentário das traduções da obra de Ruskin feitas por Proust. Este, explica ao seu leitor, em nota à sua primeira tradução (1904), na sua própria trama de pé-de-página, que lhe fornece informações complementares ao texto traduzido na tentativa de produzir, para ele (leitor), uma “memória improvisada”¹⁷, que lhe facilite e decodifique a leitura. Os dois textos de John Ruskin traduzidos por Proust são extremamente eruditos e cheios de referências culturais e elementos implícitos que talvez, de outra forma, sem seus esclarecimentos, passassem despercebidos ao leitor francês da época – mesma dificuldade que Kolb tenta sanar com seus próprios esclarecimentos, tantos anos depois.

Kolb também, portanto, faz uma “obra proustiana”, no sentido de criar uma “memória improvisada” para o leitor das missivas, que desconhece (em maior ou menor parte) referências culturais e elementos implícitos ao contexto em que foram produzidas. E, ao criar, à margem da correspondência, essa memória improvisada (das obras epistolar e ficcional, de sua inter-relação, de seu contexto e de seus interlocutores), acrescenta-lhe, além dos comentários, a, também proustiana, dimensão do Tempo (com maiúscula): “Tempo que de hábito não é visível, e que, para sê-lo, procura corpos e, onde quer que os encontre, deles se apodera a fim de mostrar, sobre deles, a lanterna mágica”¹⁸ – voltando, circularmente, à imagem matricial, tanto em Proust quanto neste artigo, e o conceito de carta-lanterna mágica (lembrando que a imagem da lanterna mágica pode ser um instrumento usado para reverberar, no texto, seu potencial crítico e/ou autorreflexivo, assim como para produzir novos prismas e perspectivas – caráter adquirido pelas cartas de Proust ao serem acrescidas dos rodapés de Kolb.

O leitor de Kolb desvenda, também, além de dados implícitos (explicados nas notas), na opção pela ordenação cronológica das peças, uma verdadeira hermenêutica da produção epistolar: na progressão cotidiana, pode-se acompanhar um diário do processo criativo do autor, por entre seus vários interlocutores e ideias, que ora serão seminais ao romance (e transportadas das cartas ao texto ficcional) ora lhes serão eco (em fenômeno inverso) – verdadeiras cartas-madeleines, ou cartas-vestígio do mecanismo escritural proustiano.

Ao acrescentar, ao conjunto das cartas, seus textos marginais (no sentido literal), Kolb faz do roda-pé farol que ilumina a dinâmica de circulação de ideias e informações entre Proust e seus correspondentes, a recepção dessas cartas junto ao meio artístico e intelectual da época, e o destino reservado a elas – pelos destinatários e pela história. Os múltiplos e concatenados comentários de Kolb, em sua extensa malha autorreferente, funcionam como a emblemática lanterna mágica do narrador menino em Combray, e projetam, ao redor de Proust, ao redor da correspondência de Proust, um agenciamento vertiginoso de informações sobre Proust e seu tempo; cartas-vertigem, então, que mantêm, em círculo, ao redor do homem que as escreve, o fio das histórias, a ordem dos dias e dos mundos.

¹⁷ RUSKIN, J. *La Bible d'Amiens*. Trad.de Marcel Proust. Livre Electronique de Project Gutemberg. Canada, 1904, s/p.

¹⁸ PROUST, Marcel. *Le Temps Retrouvé*. Paris: Gallimard (Folio Classique), 1995, p.231 (a tradução é minha; o grifo é do texto).

Referências bibliográficas

BACKUS, David. Robert Vigneron, 1897-1975. *Bulletin d'Informations Proustiennes*, n°14, p.73-77, 1983.

COMPAGNON, Antoine. 1923. Columbia Attracts Scholars of World. *The Romantic Review*, vol.101, n°1-2, 2010, s/p. Disponível em: <https://www.questia.com/library/journal/1G1-272806582/1923-columbia-attracts-scholars-of-world>

CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador*. Visão e modernidade no século XIX. Organização de Tadeu Capistrano. Trad. Verrah Chamma. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

FRAISSE, Luc. *La Correspondance de Proust. Son statut dans l'œuvre, l'histoire de son édition*. *Annales Littéraires de l'Université de Franche-Comté*, n° 649, Besançon, Universidade de Franche-Comté, 1998.

KOLB, Philip. *Correspondance générale de Proust chronologie et commentaire critique*. University of Illinois Press, Urbana, 1949.

PROUST, Marcel. *Correspondance de Marcel Proust I-XXI*. Organização de Philip Kolb. Paris: Plon, 1970-1993.

RUSKIN, John. *La Bible d'Amiens*. Tradução de Marcel Proust. Livre Electronique de Project Gutenberg, Canada, 1904.

VIGNERON, R. *Fondements d'une chronologie proustienne*. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/388234?journalCode=mp>. Acesso em 18 nov 2018.

Recebido em: 14 de dezembro de 2017

Aceito em: 13 de novembro de 2018